

RESUMO

Rastreamento cronológico das contribuições da lingüística à teoria da literatura, especialmente quanto à terminologia e aos métodos: no Formalismo russo, no Círculo Lingüístico de Praga, no Círculo Lingüístico de Copenhague, e no Estruturalismo. Observação das contribuições da antropologia e da psicanálise, focalizando a teoria da literatura no seu aspecto interdisciplinar. Direcionamento do estudo para a teoria da linguagem como criação do espírito humano, ponto de partida e de chegada tanto da lingüística como da teoria da literatura.

A teoria da literatura, tida como Poética**, tem uma sólida tradição no Ocidente, a começar por Aristóteles. No entanto, todas as suas tentativas de formular categorias abstratas a partir de um *corpus*, como fez efetivamente, não tiveram o desenvolvimento que seria de se esperar. Antes, diluíram-se num mar de explicações de texto, biografismos, psicologismos, sociologismos e historicismos, sem que nenhum desses caminhos tenha sido satisfatório quanto à formulação de uma teoria da literatura pelo menos até a segunda metade do século XIX. No máximo, foram correntes críticas que, ligando-se mais à particularidade da obra em si do que a sua observação como parte de um todo, não conseguiram ter uma postura menos redutora, por melhores que fossem.

É possível que haja uma certa simplificação nesse resumo, mas a verdade é que só no século XX os estudos de Poética voltam a ter o estatuto de ciência da literatura, e isto através de um fato importantíssimo: o de a lingüística ter passado a ocupar um lugar de ciência-piloto entre as demais ciências humanas e, naturalmente, de ter emprestado aos estudos literários não só a sua terminologia, mas sobretudo os seus modelos, os seus métodos. Vejamos como isso se deu.

Ferdinand de Saussure representa um marco na história da lingüística. É o pai da lingüística moderna, uma vez que desenvolveu suas idéias principais no seu "Cours de Linguistique Générale", ainda na primeira década deste século. É ele o primeiro a formular eficazmente uma *teoria* verdadeira, isto é, afastando-se da história da língua pura e simples, parte da observação empírica

* Doutora em Letras. Professora-Titular de Literatura Portuguesa

** Usaremos as duas expressões como sinónimas

para o estabelecimento de um sistema de relações que os fatos lingüísticos mantêm entre si, no interior da língua. Tenta, portanto, estabelecer leis gerais de funcionamento, e chega à primeira síntese teórica que, ao mesmo tempo em que se apóia em dados empíricos, afasta esses mesmos dados quando da formulação da relação abstrata que há entre eles – e assim se configura a noção de *sistema*, fundamental tanto para a lingüística como para a teoria da literatura. Além, é claro, da de *Signo*, base de toda reflexão lingüística moderna (para a teoria da literatura, a noção de signo vai ser de importância capital, pois que a partir dela será possível toda uma reelaboração teórica centrada na linguagem, considerando em princípio o problema da *forma* e posteriormente aprofundando a noção, na medida em que se chega à conclusão de que não há forma sem conteúdo e vice-versa).

Paralelamente, desenvolve-se a fonologia que, fazendo ou não parte da lingüística (não entraremos no mérito da questão, por considerarmos irrelevantes tais discussões), acaba por desempenhar um papel da maior importância em relação ao estatuto científico da vedete das ciências humanas do século XX. Agora é Trubetzkoy o estudioso que trará uma contribuição mais efetiva, através da noção de *fonema*, que também vai ser de capital importância no que se refere ao dimensionamento da lingüística como ciência pois que, como Saussure, Trubetzkoy se atém ao abstrato, ao imaterial, mostrando que o objeto da análise não se confunde com algo material determinado, além de pôr em evidência ainda o fato de esse elemento imaterial não poder ser indagado isoladamente, mas sempre como um termo *em relação*. Ora, esse caráter relacional é precisamente a noção que vai aproximar Trubetzkoy e Saussure, porque leva necessariamente à idéia de *sistema*.

Para Trubetzkoy, toda a demora no aparecimento da fonologia tem a ver com a dominância de uma concepção filosoficamente individualista/atomista, que obrigava o investigador a privilegiar esse caráter, impedindo-o de abstrair relações e formular a noção de sistema. A fonologia, ocupando-se da língua (tendência universalista), rejeitava a concepção individualista da palavra, objeto da fonética. Portanto, Trubetzkoy realiza uma nova dinâmica: a de postular que o fenômeno a indagar não corresponde ao indivíduo, mas a fenômenos que subjazem a sua consciência enquanto falante, que nada mais faz do que atualizar relações existentes à sua própria revelia. A fonologia assim se torna ponta-de-lança de uma série de ciências que mostram, enquanto sistêmicas, que há fenômenos que independem da observação ou da vontade do falante. No caso da teoria da literatura, a fonologia contribuiu para emprestar sua metodologia, cuja base científica é irrefutável, para a formulação das leis gerais que estabeleçam as relações que o texto mantêm, no seu interior, com as outras séries literárias e até com as outras séries não literárias. Mas isso veremos adiante. No momento, vejamos a contribuição de um outro russo, Roman Jakobson.

Participante do Formalismo Russo que, reunindo egressos do Círculo Lingüístico de Moscou e da Opoyaz (Associação para o estudo da linguagem poética), privilegiava a literariedade (*literaturnost*), Jakobson vai formular um conceito que é ponto de partida para toda poética: “Se os estudos literários pretendem tornar-se ciência, devem reconhecer o *processo* como a sua personagem única”. Ora, esse *processo*, que será para Jakobson a própria especificidade do discurso literário, vai encontrar um eco perfeito e inteligível da noção de “função poética”: a incidência (simetria) do eixo paradigmático sobre o sintagmático. É uma função que se orienta mais para o Signo do que para a mensagem, pois não deve ter outro referente ou outro destinatário senão ele mesmo.

Através dessa formulação é possível colocarmos Jakobson como uma verdadeira ponte entre a lingüística e a teoria da literatura, embora a “função poética” que “especifica o literário” também possa ser um dado discutível e questionável. Mas isso também veremos adiante. Por ora, vejamos a ligação entre as duas ciências no Círculo Lingüístico de Praga (1926).

Aqui, apesar de a fonologia ser ainda a vedete, é um especialista em Poética a figura de maior destaque: Jan Mukarovsky que, aproveitando as noções da fonologia (a função, por exemplo), avança e modifica os resultados do Formalismo Russo. Sua concepção de literatura como parte de uma teoria geral dos signos vai fazê-lo propor uma formulação que, ao mesmo tempo que elucida a estrutura da obra de arte, não deixa de levar em conta sua relação com o universo simbólico de modo geral. Para Mukarovsky, o fato literário não pode ser visto isolado dos fatos sociais: sua noção de estrutura, conquanto se valha dos padrões lingüísticos herdados do Formalismo Russo, vai admitir a inserção da literatura em outros sistemas, simbólicos e não simbólicos. A própria noção de imanência que atualiza, longe de se prender a um estatismo reducionista, vem ao encontro de uma concepção dinâmica da estrutura, que admite a mobilidade da própria imanência: (“a estrutura como um todo acha-se em perpétuo movimento”), dada sem dúvida pelo fato de ele atribuir o maior valor ao fato social.

O impulso dado pela lingüística à teoria da literatura haveria de engendrar ainda muitas outras propostas. Entre as mais fecundas, destaca-se a glossemática, formulada por Louis Hjelmslev, do Círculo Lingüístico de Copenhague (1931). Postulando ainda o valor relacional como dado mais relevante, ele, concordando com Saussure no fato de toda língua ser, antes de tudo, *forma*, reelabora os conceitos do mestre de Genebra dentro de novas bases que chegam a aproximar a lingüística até da álgebra (pelo menos quanto à importância que dá às relações formais, abstratas, em detrimento da materialidade dos elementos dados). Conquanto algo hermética, por ter uma terminologia rigorosíssima e estabelecer conceitos difíceis à primeira vista, a glossemática afirma o seu valor diante da teoria da literatura principalmente por definir as

linguagens de denotação e as de conotação que, sumariamente, tentaremos explicar:

Para Hjelmslev, toda relação entre a forma lingüística tal como se apresenta (composta de uma expressão e de um conteúdo, que correspondem à dicotomia significante/significado de Saussure) e uma nova expressão, vai configurar a linguagem da denotação que é, em última instância, uma metalinguagem. Por outro lado, a mesma forma lingüística apresentada em relação a um novo conteúdo, vai corresponder a uma linguagem de conotação, está muito mais característica do texto poético, do texto literário.

É preciso ter em mente, no entanto, que o fato de Hjelmslev ter elaborado essa terminologia e de ela ser, sem dúvida, bastante operacional, não significa que ela resolva a especificidade do literário. Seu valor está em acrescentar algo de novo em relação a tudo o que se pesquisou anteriormente, além da reelaboração da dicotomia saussureana significante/significado para “plano da expressão” e “plano do conteúdo”, num aprofundamento teórico que afirma cada qual ser constituído de uma *forma* e de uma *substância*. Assim, enquanto teoria, a glossemática vai permitir ao analista da literatura investigar diferenças que passam a ser realmente significativas, como por exemplo, as que digam respeito à “forma do conteúdo”, ou à “forma da expressão”. De qualquer maneira, a contribuição de Hjelmslev é um fato, e se sua teorização não se difundiu como as outras, isso só pode ser efeito, repetimos, de seu hermetismo e do rigor de sua terminologia.

Os anos 50 vão ser marcados pelas relações mais produtivas entre a lingüística e a teoria da literatura através do desenvolvimento da semiologia que, intuída por Saussure mas não estudada por ele, agora vai ter seu apogeu, ao mesmo tempo que se desloca para a França o centro mais efervescente desses estudos. Esse deslocamento é bastante significativo, se tivermos em conta que toda a tradição francesa dos estudos de Poética era voltada exclusivamente para o conteúdo, uma vez que os “formalismos” tinham outro centro geográfico, a Europa Oriental, como já vimos (Moscou, Praga, Copenhague). Segundo Roland Barthes, se não o maior pelo menos o mais destacado dos semiólogos, o encontro da lingüística com a literatura foi, na França, uma verdadeira libertação para os estudiosos cuja fronteira até então tinha sido a Retórica (não que esta não tenha sido uma instância importante nos estudos de Poética; ao contrário, muitos dos seus conceitos continuam válidos, principalmente pelo fato de ela não considerar o texto unicamente pelo conteúdo, e sim como um objeto de linguagem. Seu defeito: em vez de engendrar conceitos de análise preocupava-se mais em estabelecer regras, tendo, portanto, um caráter normativo).

A semiologia, conquanto não se ocupe da literatura em particular, pois que é uma teoria geral dos signos (visão saussureana, depois invertida por Barthes), vai ter um papel dos mais importantes na condução e no desenvolvimento dos estudos da Poética. Aproveitando-se conjuntamente das postu-

lações de Saussure e Hjelmslev (não contraditórias, como vimos), investirá nas linguagens, sejam quais forem – e aqui entra a literária – suas tentativas mais fecundas em termos de uma sistematização operacional que vai atualizar tanto as noções saussureanas de significante/significado, língua e fala, sintagma e sistema, como as hjelmslevianas de denotação e conotação, tendo como ponto de partida duas constantes: uma, a de que a língua é *forma*; outra, a noção de *sistema*. Conserva ainda o binarismo, concepção advinda da fonética e retomada por Saussure e seus seguidores.

A ligação entre poética e semiologia acabou por revestir-se de uma importância tal que se torna indispensável sua inclusão quando se trata de estabelecer a relação entre a lingüística e a moderna ciência da literatura. Mesmo porque todos esses estudos vão acabar por desembocar no terreno mais fecundo no qual a contribuição da lingüística será a mais efetiva possível: o estruturalismo.

Quanto a este assunto, é preciso, no entanto, que se tenha em conta uma outra contribuição, tão expressiva quanto a da lingüística: a antropologia de Lévi-Strauss. É ele quem, nas ciências humanas, vai ser o primeiro a sistematizar de maneira verdadeiramente operacional os dados de que dispõe, num proceder muito diferente do daqueles que o antecederam e se proclamavam estruturalistas. Lévi-Strauss não é apenas um coletor de dados etnográficos: vai muito além, pois que se faz teórico, ultrapassando a etnografia pura e simples e afirmando-se como um pensador da maior importância. Partindo de dado empírico – as relações de parentesco, o discurso mítico, os rituais – ele elabora uma reflexão que abstrai esses conteúdos manifestos para se estabelecer em si e por si mesma: eis a gênese do processo a que chegou e cuja paternidade teórica não lhe pode ser negada: a estrutura. *

Naturalmente que ele contou, em sua formulação, com as formulações da psicanálise e, como não poderia deixar de ser, da lingüística. É juntando esse saber interdisciplinar que Lévi-Strauss vai chegar às “relações imanentes”, e à elaboração do *modelo*: um conjunto de invariantes que, relacionando-se, vão mostrar a “arquitetura” de um grupo social através de suas relações de parentesco, de seus rituais e de seus mitos. São essas invariantes que ele persegue, a fim de construir esse modelo teórico a partir do qual se chega às relações imanentes. Sua busca é a do *sentido*: algo aparentado com o inconsciente, que não se dá de imediato através da chamada superficial do mito, das relações etc, mas que se esconde numa cena não dita mas nem por isso menos significativa.

Esse esboço que traçamos da formulação teórica de Levi-Strauss, por sumário que seja, vai mostrar a pertinência das relações entre a lingüística, a antropologia e a teoria da literatura, uma vez que todas elas vão, de uma

* Cf. “Estrutura, Construção e Imanência”, In: VIANA, Dulce Maria. *Cara e coroa*. Fortaleza, SCD, 1983.

maneira ou de outra, atualizar a linguagem verbal (quanto à antropologia, pelo menos no que se refere aos mitos). Daí a influência de uma ligação sem dúvida pertinente entre esses três discursos. Como se daria essa ligação? Através da busca, no texto literário, de uma organização subjacente ao próprio discurso, aquém de seu nível dito, aquém, pois, da camada superficial – sintagmática. Chegar à estrutura equivale a resgatar o paradigmático do discurso, este significando o não-dito subjacente. O grande problema é que Lévi-Strauss, talvez por influência da lingüística, acabou por reduzir toda a sua investigação teórica ao quociente das operações binárias. Ora, na lingüística, o binarismo, se não chega a ser uma formulação ideal, pelo menos tem um nível de funcionalidade bastante razoável para que se lhe possa garantir a eficácia. Para o texto literário, por melhores que sejam as intenções de quem o aplica, convenhamos que ele deixa muito a desejar: a literatura acaba sempre por ter, em relação à “operacionalidade” das relações binárias, um *superavit* que extrapola quaisquer tentativas de reduzi-la a essa formulação. Mas isso Não desmerece a contribuição eficazmente importante e pertinente da antropologia – ligada à psicanálise e à lingüística – à teoria da literatura, que só a partir do estruturalismo passou a auferir um *status* de verdadeira ciência, mesmo que se considerem os equívocos quanto a este conceito de ciência da literatura que alienava de seu repertório qualquer marca da subjetividade do analista – vale dizer, de suas impressões, de suas vivências, de seus valores. E conquanto nenhuma das ciências humanas possa ser, rigorosamente, “antisséptica”, a teoria da literatura, a partir do estruturalismo, ganhou muitos pontos quanto à objetividade (outro conceito discutível, neste caso) da investigação teórica.

A relação da lingüística com a ciência da literatura vai-se tornando cada vez mais efetiva, à medida que as correntes teóricas vão reformulando suas teses, como é, aliás, de se esperar: “(. . .) uma teoria deve *purificar* seu objeto antes de poder dizer-se rigorosa e científica, afirma O. Mannoni. Desta vez, a relação entre a lingüística e a teoria da literatura se dará através da psicanálise que, embora presente na antropologia de Lévi-Strauss, vai encontrar em Jacques Lacan o estudioso mais dedicado ao projeto de levar os postulados de Freud até a linguagem em si; é aí que a literatura, sendo também uma linguagem, vai poder ter esse seu estatuto mais aprofundado, e isto por meio da lingüística como ciência geral dos signos (observar a inversão do postulado saussureano). A questão é complexa, e não nos deteremos nela mais do que o necessário para uma visão abrangente, embora relativamente superficial. A pedra-de-toque estaria na noção de inconsciente, fato que vai aproximar a linguagem literária da onírica e ao mesmo tempo da mítica. Com as devidas ressalvas: a de a linguagem mítica só ser inconsciente em relação a uma coletividade, e a de a linguagem literária operar simultaneamente com o fator inconsciente e o consciente, este representado pela própria *poiesis*. De qualquer forma, não pode deixar de ser considerada pertinente a aproximação da psicanálise, da lingüística

tica e da teoria da literatura, mesmo que certas correntes se posicionem contra, com maior ou menor ênfase.

A esta altura, já se mostra necessária uma revisão em certos conceitos, ou em certas contribuições que foram aceitas pela Poética sem que um questionamento mais efetivo tivesse sido levado a efeito. É por essa via que teremos que retornar a Jakobson.

Observemos sumariamente seus principais postulados. Para começar, sua definição de “função poética”: “a simetria do eixo da similaridade sobre o eixo da contigüidade”. Aqui surge o primeiro problema, pois que esta simetria, não sendo exclusividade da linguagem poética, não pode servir para caracterizá-la: Jonathan Culler faz o mesmo em relação à linguagem *teórica* de Jakobson, provando que em qualquer texto é possível achar simetrias, desde que se as procurem.

Mostra também que a análise distribucional, tão cara a Jakobson, também não resgata a especificidade da linguagem poética, mesmo que praticada *ad infinitum*, vez que, por trabalhar apenas com o texto manifesto, não recupera o não-dito. O modelo lingüístico se mostra, pois, insuficiente ainda.

Mas se Culler se tivesse limitado a questionar o procedimento de Jakobson, não teria dado nenhuma contribuição às investigações que tratam do problema lingüística e literatura: se sua crítica se limitasse a incidir sobre uma análise ou sobre o pressuposto que a orienta, sem propor um outro pressuposto, não teria avançado coisa alguma. Nessa dinâmica, é sempre necessário que a contra-teoria carregue em seu bojo uma nova teoria.

Ora, se a “função poética” não pode mais ser considerada a chave de um método de análise, e não passa de “uma hipótese sobre as convenções da poética (. . .)”, vai ser preciso que a análise lingüística formule hipóteses que possam dar conta dos *efeitos* da linguagem poética sobre o leitor – vale dizer, de *como* o leitor apreende a estrutura do texto. Esta é, em última instância, a proposta de Culler que aponta, sem dúvida, para uma revisão tão urgente quanto necessária nos pressupostos relacionais entre a lingüística e a teoria da literatura que até então eram aceitos sem maiores questionamentos.

De qualquer forma, quaisquer que sejam as críticas, não há como negar a contribuição da lingüística aos estudos da teoria da literatura. Se esta é um sistema de signos, mesmo que de segundo grau (porque se constrói a partir de outra estrutura, a língua que já tem suas próprias significações), e se a lingüística é uma ciência cujo objeto é a linguagem, não há como fugir dessa ligação. De fato, há uma estreita ligação entre as categorias lingüísticas e as discursivas, embora exista também o perigo de se aplicar “inconscientemente” o modelo lingüístico ao discurso literário, mesmo que sob a alegação de que a literatura só é um signo estético porque é em primeira instância um signo verbal (este, de domínio da lingüística).

A nosso ver, o fundamental é não perder de vista que o sentido, na linguagem literária, pode ser e pode não ser o mesmo do da linguagem comunicativa. Na literatura, sempre fica mais difícil estabelecer uma dicotomia como *significante/significado*, porque seu universo transcende a frase, limite da análise lingüística. E, não observar isto, pode acarretar um problema sem solução: tentar dar conta do literário, muito mais complexo, através de um instrumental inadequado, embora operacional sob certos aspectos.

A maior contribuição da lingüística à Poética é ainda a que Jakobson coloca de modo tão claro em *Lingüística e Comunicação*: a de que o campo de investigação da lingüística, incidindo sobre a linguagem de modo geral, há de, por decorrência, investigar a linguagem literária. Vencidos alguns preconceitos (como o de ser uma ofensa para a literatura considerá-la forma, antes de tudo), não há porque não conceder à lingüística o lugar que certamente merece quanto a ser, genericamente, uma teoria da linguagem.

Se a literatura é uma criação do espírito, e se todas as criações do espírito do homem passam pela instância da linguagem, é preciso reconhecer a importância de uma investigação teórica que procure estabelecer postulados científicos, operacionais, funcionais, para o estudo dessa instância. Afinal, já não se põe em dúvida o fato de ser a linguagem a maior das prerrogativas humanas, pela qual o homem se distingue, se diferencia e afirma sua superioridade sobre todas as outras espécies, principalmente quanto a seu aspecto criativo.

Ora, se a linguagem comum já apresenta uma criatividade tal que apenas o domínio de sua estrutura e de seu léxico é capaz de promover um número infinito de combinações, quanto mais criativa não será a linguagem literária que, só pelo fato de ter como matéria o signo verbal, já se torna criativa na medida mesma em que o atualiza, o agencia e o faz presente.

Investigar a linguagem, propor uma teoria geral da linguagem é, pois, a tarefa da lingüística que, apesar de ser uma ciência empírica, pode trazer uma contribuição das mais importantes para o estudo do espírito humano, uma vez que as conclusões obtidas não se restringem à “aplicação” pura e simples às línguas em geral, ou a qualquer língua em particular; elas têm um espectro muito mais amplo, pois que se podem referir a muitos outros sistemas simbólicos. Para Chomsky, por exemplo, a teoria lingüística deve ser suficientemente geral para cobrir todas as línguas particulares e, ao mesmo tempo, não tão geral de modo a poder aplicar-se a outros sistemas de comunicação.

Aí estaria a sua grande contribuição ao estudo da teoria da literatura, mesmo que, como toda teoria, a lingüística esteja em constante reelaboração – o que só conta pontos a favor. Afinal, indagar sobre a linguagem, tarefa da lingüística, equivale a indagar sobre o Homem, esse ser complexo e cambiante, cuja essência a literatura não se cansa de perseguir.

ABSTRACT

A chronological tracing of the contribution of linguistics to literary theory, in particular to its terminology and methods: in Russian Formalism, in the Prague Linguistic Circle, in the Copenhagen Linguistic Circle, and in Structuralism. The contributions of anthropology and of psychoanalysis are noted, stressing the interdisciplinary aspect of literary theory. The study sees the theory of language as a product of the human mind, starting as well as end point of both linguistics and literary theory.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
2. _____. *Linguística e literatura*. In: *Linguística e Literatura*. Lisboa: Ed. 70, 19.
3. _____. *Sistema da moda*. S. Paulo: Ed. Nacional, 1976.
4. BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística poética*. S. Paulo: Cultrix, 1974.
6. COSTA LIMA, Luiz. *Estruturalismo e crítica literária*. Texto mimeografado inédito, de jun./80.
7. _____. *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.
8. _____. O labirinto e a esfinge. In: *Teoria da Literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
9. CULLER, Jonathan. *Structuralist Poetics*. London: Routledge & Keagan Paul, 1982.
10. DELAS, Daniel e FILLIOLGT; Jacques. *Linguística e poética*. São Paulo: Cultrix, 1975.
11. DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e Linguística*. S. Paulo: Cultrix, 1971.
12. HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. S. Paulo: Perspectiva, 1975.
13. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
14. LEROY, Maurice. *As grandes correntes da Linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1978.
15. LEVIN, Samuel R. *Estruturas linguísticas em poesia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
16. LÉVI-STRAUSS, Claude. A análise estrutural em linguística e em antropologia. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1973.
17. _____. A estrutura dos mitos. In: *Antropologia estrutural*. op. cit.
18. _____. La ciencia de lo concreto. In: *El pensamiento selvaje*. México: FCE, 1964.
19. MARTINET, André. *A linguística sincrônica*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 19
20. _____. *Conceitos fundamentais da linguística*. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
21. MUKAROVSKY, Jean. A arte como fato semiológico e O estruturalismo na estética e na ciência literária. In: TOLEDO, Dionisio (org.) *Círculo Linguístico de Praga*. Porto Alegre: Globo, 1978.
22. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.
23. TODOROV, Tzvetán. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
24. TRUBETZKOY, N. La fonología actual. In: *Psicología del Lenguaje*. Buenos Aires: Editorial Paidós, s/d.
25. WILDEN, Anthony. *Sistem and structure*. London: Tavistock publications, 1977.